

## A IDENTIDADE CULTURAL REGIONAL EM GABRIELA

Tiago Santos Sampaio

Universidade Estadual de Santa Cruz

[tiago\\_uesc@yahoo.com.br](mailto:tiago_uesc@yahoo.com.br)

### RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo compreender aspectos do processo de construção de identidade cultural local a partir da literatura de Jorge Amado, especificamente na obra *Gabriela, cravo e canela*. Para isso, embasa-se a análise nos pressupostos teóricos dos estudos culturais que investigam as transformações identitárias como resultados de modificações de ordem social, econômica, política e cultural. As referências ao contexto regional, por parte da literatura, permitem que seja abordado o cotidiano e as práticas inerentes à produção cultural de Ilhéus e Itabuna, dando margem a uma maior valorização e compreensão das características que definem a chamada identidade grapiúna.

**Palavras-chave:** identidade, cultura, literatura.

Esse trabalho trata dos aspectos referentes à identidade cultural local construída a partir da literatura de Jorge Amado, especialmente na obra *Gabriela, cravo e canela*. Visa-se investigar como ocorre a construção das identidades locais por parte da literatura em questão, visto que o estudo da identidade e de suas estratégias de formulação constitui uma forma de melhor compreender a crescente valorização da produção cultural regional.

Um dos questionamentos levantados diz respeito à contradição que existe entre a visão tradicional da existência de uma identidade fixa em oposição aos estudos culturais que afirmam que esta é mutável e varia de acordo com as circunstâncias que se apresentam aos indivíduos.

De acordo com Hall (1999), discutir os fatores que constituem as identidades culturais tem sido uma prática crescente na atualidade. Isto porque os indivíduos



necessitam de elementos que os situem num contexto social, conferindo sentido às suas existências e aos papéis que esses desempenham enquanto sujeitos.

A construção da identidade individual forma-se também por meio dos processos de coletividade provenientes da interação social. As ações individuais passam a se justificar a partir da importância que essas apresentam num cenário que envolve outros membros, agregados em torno de algumas características que definem os grupos mais amplos.

A referência à coletividade é tecida aqui com a intenção de apontar para um conjunto que diz respeito ao regional. Desde que se começou a perceber que a globalização gera uma cultura mais ampla, mais homogênea, derruba as fronteiras geográficas e culturais entre as nações e gera progressivos pontos de interseções interativos entre os povos, passou-se a verificar que tem ocorrido também um movimento oposto a essa corrente. A tendência que emerge então é de um fortalecimento das culturas locais e das suas expressões regionais.

Antes que se perceba imerso numa cultura universal, na qual se experencia um contato mais íntimo com outros ambientes culturais, o indivíduo precisa se centrar num contexto local para encontrar os referenciais que interferem de forma mais contundente na sua individualidade: “Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma *entidade* em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável”. (CANCLINI, 2000, p. 190). As identificações com os fatores sociais formam-se primeiro nos espaços cujas identidades são mais facilmente constituídas, ou seja, a formulação da identidade se processa inicialmente em referência ao contexto local. As produções culturais das comunidades passam a ter maior relevância por refletir mais diretamente as características que se relacionam aos grupos sociais locais.

Daí decorre os movimentos de maior valorização das expressões culturais regionais que podem se apresentar como resistência à aglutinação dos processos globalizantes. Cresce então a necessidade de expor os produtos que constituem os aspectos identitários do local, como tentativa de diferenciação.



Os produtos culturais são vitais nesse processo, pois funcionam como expressão da identidade local e, ao mesmo tempo, tendem a gerar outras marcas, que devido aos seus sentidos simbólicos, irão arraigar a identidade ou até mesmo modificá-la, de acordo com a relação que irá se estabelecer entre o povo e esses produtos culturais. É comum, por exemplo, que a mídia, ao se apropriar de certas expressões regionais para compor seus produtos, passe a remodelá-las a fim de atender às demandas da indústria cultural, modificando os sentidos originais, apresentados inicialmente na cultura a que se refere. Por passar a fazer parte de uma lógica mediada pelos meios de comunicação, novos aspectos identitários começam a ser produzidos a partir da releitura midiática.

No entanto, os produtos culturais não são os únicos responsáveis pela formação da identidade, mas a constituem em parte. O caso estudado, que se refere à literatura amadiana, mais especificamente à obra *Gabriela, cravo e canela*, é um exemplo de como uma narrativa ficcional contribuiu para marcar traços na identidade local que permanecem até hoje, ainda que em menor grau e muito mais no imaginário popular, como expressão da cultura de Ilhéus.

Antes de verificar como ocorre a formação de identidade a partir da literatura, devem-se remontar alguns conceitos, de acordo com os pressupostos teóricos dos estudos culturais acerca da identidade e de seus desdobramentos nas culturas locais.

De acordo com Calhoun:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas que em alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida.... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros (CALHOUN apud. CASTELLS 2000 p. 22).

A identidade como fonte de significados e experiências é, então inerente aos grupos sociais e tem importância enquanto forma de reconhecimento dos próprios indivíduos que constituem o grupo, além de servir como um bojo de características, promovendo a



diferenciação com relação aos outros. Essa diferença gerará os sentimentos responsáveis pela manutenção da identidade, pois a sensação de pertencimento passa a obedecer à lógica da necessidade de estar contido num sistema, em cujos elementos se enquadram as características individuais e que, por isso, pode agregar esses indivíduos para a formação das identidades coletivas.

Manuel Castells (2000, p. 22) entende a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(em) sobre outras fontes de significado.” É feita uma seleção por parte da sociedade dos atributos culturais que devem estabelecer os traços distintivos do povo a que se refere e, a partir dos sentidos conferidos a eles pelos indivíduos, passa-se a edificar as identidades.

A identidade é construída a partir de um repertório cultural que se apresenta na sociedade, que pode se expressar como conhecimento científico, práticas artísticas ou religiosas. Mas, “todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo e espaço” (CASTELLS, 2000, p. 23-24). Logo, os grupos sociais remodelam essas práticas e conhecimentos de acordo com o propósito dos seus projetos de formação, transformação ou manutenção das identidades. Esse aspecto fará com que os indivíduos enquadrem a produção cultural individual e coletiva aos interesses dos projetos comuns da sociedade. Estabelece-se aí quem está apto ou se interessa a pertencer a determinados grupos de acordo com as suas identidades.

Kathryn Woodward afirma que “com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (SILVA, 2003, p.13). O sentimento de pertencimento e permanência é o pressuposto básico para a construção da identidade individual, ao se referir aos grupos a que pretende fazer parte. No entanto, ver a identidade como fixa e imutável corresponde apenas a uma estratégia para tentar formar nas consciências a sensação de homogeneidade que, na verdade, não



corresponde mais ao conceito pós-moderno de identidade, devido aos processos de hibridização cultural.

O sujeito pós-moderno segundo Hall (HALL, 1999, p. 13) é

conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. (...) “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

As identidades, como mostra Hall, estão em constante processo de formação a depender dos fatores sociais que agem sobre os indivíduos. Daí a concepção do termo “identificação”, uma vez que, à medida que esses fatores – ‘as interpelações dos sistemas culturais’ – se apresentam as pessoas se identificam de acordo com cada circunstância. Os processos que desencadeiam as identificações são múltiplos e por isso geram uma dinâmica favorável à não fixação permanente das identidades.

Hall (1999) classifica os três tipos de sujeito ao longo da história e sua relação com as identidades de cada período. O “sujeito do Iluminismo” se destacava pelo dualismo cartesiano e pela concepção de um indivíduo cognoscente, centrado, individualista, cujo papel era bem delimitado na sociedade, devido à sua nova organização regida pelo exercício da razão. Posteriormente, com desenvolvimento das Ciências Sociais, com o crescimento da Etnometodologia e dos estudos interacionistas, passou-se a afirmar o surgimento do chamado “sujeito sociológico”, cujas experiências e identidade estariam formadas, basicamente da interação com o meio social e com cada elemento deste meio. Esse sujeito trocava experiências com o seu meio e através dessa troca simbólica as identidades iam se configurando. Até então, acreditava-se que a questão da identidade já



havia sido resolvida, no entanto, com o surgimento da pós-modernidade, começaram a ocorrer mudanças substanciais no meio, que tinha a função de interação com cada individualidade. A globalização foi uma dessas mudanças que geraram uma interação cultural mais profunda e fez ruir alguns valores que existiam como concretos. Surge então o “sujeito pós-moderno”, cuja identidade encontra-se em processo de constante formação, assumindo variadas configurações para se adequar às multiplicidades do cenário atual, no qual a cultura é determinada por aspectos que fazem seu conceito se ampliar para sentidos que o transcendem apenas como expressão artística.

A partir daí, a identidade, enquanto resultado de atribuições culturais, tornou-se muito mais flexível, uma vez que tem sido mais difícil a tarefa de se situar num ambiente mediado e formado por uma constante hibridização cultural. Os sujeitos passam a assumir diversas identidades que não existem mais como algo unificado, mas que respondem a momentos específicos e a contextos diversificados. Daí a necessidade de se formular estratégias que permitam que, mesmo com a hibridização das culturas e formação múltipla das identidades, sejam construídos aspectos que reúnam os indivíduos em categorias de acordo com algumas características comuns ao grupo e que permitam que esses se sintam como parte de um todo. Deve-se encontrar, portanto formas de se costurar as diferenças decorrentes das várias identificações, a fim de constituir uma certa homogeneidade capaz de classificar os indivíduos segundo particularidades que os definam. Para Hall (1999, p. 62) “uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de ‘um único povo’. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ - que são partilhados por um povo”.

Essas classificações acerca das caracterizações do povo são fundamentais para gerar um agrupamento em torno dos mesmos aspectos culturais que promoverão as impressões de homogeneidade. A unicidade mostra-se aí como uma marca que reúne os requisitos que cada indivíduo deve conter para que nasça a sensação de pertencimento. Cada estratégia de homogeneização parte de uma forma de representação que inclui os conceitos de nação e seus desdobramentos simbólicos. Nesse contexto, a cultura, enquanto expressão da



produção de bens simbólicos que definem as identidades, surge como uma grande representação que gera significados capazes de produzir as identificações com o meio.

Kathryn Woodward afirma que

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (SILVA, 2003, p. 17)

Dentre as várias formas de representação da cultura encontra-se com importância demarcada a literatura, principalmente aquela específica que se dedica a funcionar como expressão da cultura nacional, em suas diversas atividades e modos de manifestação.

A literatura amadiana se inclui nessa condição de representação cultural e social do panorama regional em suas especificidades de acordo com o período histórico a que se refere. Logo, a primeira representação de identidade gerada pelos romances de Jorge Amado se referem à contextualização do regional dependendo das variantes que regem a sociedade.

Ao estudar a construção da identidade em *Gabriela, cravo e canela*, percebe-se que a representação que se destaca na obra se refere aos desdobramentos culturais provenientes dos aspectos políticos e econômicos. Com o desenvolvimento da lavoura cacaueteira, a Ilhéus da década de 20, retratada na obra, começa a se modernizar, uma vez que o capital investido na produção de cacau era revertido agora em benefícios que deviam promover o crescimento da cidade, permitindo que esses avanços a apontassem como um local



promissor e que pudesse atrair novos investimentos. Com o desenvolvimento econômico, o poder político passa a migrar das mãos dos coronéis do cacau para os novos empreendedores, representados pelo personagem Mundinho Falcão.

É notório que na obra, tanto desenvolvimento determinou modos de vida dos coronéis e investidores que, graças ao dinheiro decorrente da produção do cacau, passam a encontrar formas de se diferenciar, com o objetivo de mostrar à sociedade que eram os detentores do poder econômico e político do local.

A expressão cultural que se representa na obra parte, então, da perspectiva dos detentores desse poder. A descrição dos aspectos identitários da população grapiúna parte da forma de agir e de se comportar dos coronéis que gozavam, sem precedentes, dos prazeres e benefícios que a sociedade ilheense oferecia aos coronéis.

Antes de se apresentar como a história do romance entre Nacib e a cozinheira Gabriela, a obra contextualiza a sociedade a partir dos acontecimentos que marcavam a sociedade com características mais amplas de cidade produtora de cacau e que se modernizava rapidamente. A política da identidade deve ser vista por um histórico (CASTELLS, 2000, p. 26). Por isso, contextualização apresenta-se como critério primordial para que a partir daí sejam criadas outras formas de representação do regional com vistas a retratar a identidade local.

Segundo Stuart Hall (SILVA, 2003, p.109)

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Após as contextualizações necessárias que situam as personagens e as situações por eles vividas é possível compreender as formas de construção da identidade na narrativa, que passa a obedecer à lógica da sensação de pertencimento não sendo originada nas classes proletárias ou pela ótica do feminino, mas pela burguesia masculina que estava no centro das ralações de poder.





No entanto, as descrições acerca da identidade não correspondem à realidade de todos os moradores da cidade de Ilhéus daquele período histórico, uma vez que a riqueza era benefício de poucos. Surge então, na narrativa, as estratégias de construção da identidade enquanto expressão homogênea da sociedade retratada. A denominação “grapiúna” estava cercada de certos significados que conferiam sentido a palavra como manifestação de identidade local. Para serem grapiúnas as pessoas deveriam se encaixar em requisitos que eram considerados como inerentes à natureza da população regional.

Em *Gabriela, cravo e canela*, Jorge Amado tece algumas definições dos requisitos que compreende o “ser grapiúna” e, portanto ser considerado como indivíduo apto a pertencer ao local:

Bar era um bom negócio em Ilhéus, melhor só mesmo cabaré. Terra de muito movimento, de gente chegando atraída pela fama da riqueza, multidão de caixeiros-viajantes enchendo as ruas, muita gente de passagem, quantidade de negócios resolvidos nas mesas dos bares, o hábito de beber valentemente e o costume levado pelos ingleses, quando da construção da Estrada de Ferro, do aperitivo antes do almoço e do jantar, disputado no pôquer de dados, hábito que se estendera a toda população masculina. (AMADO, 1970, p. 69)

Aqui Jorge Amado deixa claro dois aspectos importantes. O primeiro se refere à contextualização situacional da cidade: Ilhéus era um centro no qual se reuniam várias pessoas atraídas pelo progresso, quer seja para desfrutar dos seus prazeres devido à condição econômica, quer seja devido à visão de aproveitar a onda de crescimento para lucrar, como no caso dos comerciantes, caixeiros-viajantes e outros. O segundo aspecto importante que se observa é a afirmação de que os hábitos desenvolvidos com a nova configuração da cidade se restringiam à população masculina. É através dessa perspectiva que se descreve os costumes referentes aos grapiúnas.

Em outro trecho, se descrevem alguns traços constitutivos da personalidade do grapiúna, que mantinha uma relação com a história de desenvolvimento local. O ‘verdadeiro grapiúna’ tem um compromisso de beneficiar a terra com o seu trabalho, a fim de promover o crescimento da região.



Como a maioria da população, não media pelo nascimento o verdadeiro grapiúna, e sim, pelo seu trabalho em benefício da terra, pela sua coragem de entrar na selva e afrontar a morte, pelos pés de cacau plantados ou pelo número de portas das lojas e armazéns, pela sua contribuição ao desenvolvimento da zona. (AMADO, 1970, p. 59 – 60).

Na narrativa da obra são identificados os costumes que compunham a identidade grapiúna enquanto uma índole que se desenvolvia junto ao progresso do local. Percebe-se que não era preciso nascer na cidade para ser considerado grapiúna, mas era fundamental que o tino empreendedor se manifestasse para a promoção do crescimento econômico de Ilhéus. A coragem a que o texto se refere tende a ser mais uma expressão da concepção de sociedade patriarcal regida pelas características de virilidade necessárias ao desbravamento do local.

Chegavam e em pouco eram ilheenses dos melhores, verdadeiros grapiúnas plantando roças instalando lojas e armazéns, rasgando estradas, matando gente, jogando nos cabarés, bebendo nos bares, construindo povoados de rápido crescimento, rompendo a selva ameaçadora, ganhando e perdendo dinheiro, sentindo-se tão dali como os mais antigos ilheenses, os filhos das famílias de antes do aparecimento do cacau. (AMADO, 1970, p. 56).

Paralelo a dedicação que o grapiúna deveria ter em prol do desenvolvimento da cidade, para ser denominado como tal era preciso que se apresentasse um comportamento específico que incluía o esbanjamento e a ostentação da riqueza. Percebe-se que em *Gabriela cravo e canela*, é feita uma descrição dos hábitos dos tempos que retrata o romance como uma característica mostrada como uniforme das pessoas que habitavam o local. Assim, a cultura grapiúna se constitui de certos aspectos que marcam uma forma de se comportar, agir, que seria própria do povo de Ilhéus e Itabuna. Dentre esses aspectos, é comum que se faça referência às condutas provenientes da fartura proporcionada pela lavoura cacauzeira. Era hábito então freqüentar os cabarés, beber e jogar. Dessa forma, se delineiam no romance traços constitutivos da chamada cultura grapiúna.



A partir da produção cultural é possível que as pessoas de determinado local sintam-se agregadas, compartilhando modos de se comportar e pensar. Assim, as ações individuais passam a se direcionar a fim de se enquadrarem à cultura local.

De acordo com Kathryn Woodward:

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por 'cultura. (SILVA, 2003, p. 41).

Uma das funções da cultura passa a ser a de fornecer um padrão pelo qual os indivíduos possam classificar os sentidos produzidos através de suas ações, a fim de criar significações que embasarão as identidades criadas. Assim, “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. (SILVA, 2003 p. 18-19). As experiências são então delimitadas a um contexto específico que obedece a gama de sentidos criados para gerar as identidades. Como exemplo, pode-se referir a questão da identidade regional grapiúna retratado em *Gabriela, cravo e canela*. Não era condição *sine qua non* que se nascesse em Ilhéus para se sentir grapiúna, mas para que esse sentimento fosse despertado havia uma série de ações que deveriam ser seguidas, pois davam a idéia de que aquele padrão comportamental se referia exclusivamente a um determinado povo.

A questão principal, no entanto, refere-se à forma como se tenta construir a identidade cultural no romance Gabriela. A identidade é colocada como uma característica fixa e imutável, uma vez que os atributos culturais poderiam determinar quem pertencia ou não a região ao seguir ou abandonar os costumes citados. Stuart Hall mostra que



...as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (SILVA, 2003, p. 108)

A depender dos contextos históricos e das condições sociais as identidades modificam-se. Há ainda os aspectos pertinentes a esfera psíquica e individual que interage com os fatores externos. Considerar que essas características são imutáveis corresponde a não admitir que as contingências sociais e culturais também determinem as identidades como processo em formação constante.

Ainda se percebe que, por vezes, encontra-se no imaginário popular em torno dos aspectos identitários da região, uma visão que corresponde à descrição que Jorge Amado teceu em sua obra. Mesmo que se admita que o local tem sido influenciado pela conjuntura da globalização, ainda é muito forte esse imaginário que é sustentado por estratégias de manutenção de uma herança cultural que se dá ora pelos patrimônios históricos, ora pelas narrativas populares que retratam o ambiente vivido no passado. A identidade local se sustenta por alguns traços que se referem ao passado, mesmo que eles não correspondam ao real, mas que tenham sido abordados apenas na ficção.

Para Eduardo de Assis Duarte

...a produção romanesca desse *narrador* da nação se, por um lado, acrescenta sentidos recorrentes ao edifício da brasilidade, por outro, aponta fraturas, margens e dissonâncias. A formulação de um significado unívoco para sua obra é um problema de recepção literária e implica riscos próximos aos dos esforços totalizantes empenhados na construção da identidade nacional. (CHIAPPINI e BRESCIANI, 2002, p.62).

A narrativa de Jorge Amado parte da intenção não apenas do tratamento de um período histórico determinado, mas da formulação de uma identidade que se configura



como resposta às modificações sociais, econômicas, políticas e culturais pelas quais passou a Ilhéus da década de 20.

As referências ao local, por parte da literatura, permitem que as identidades estejam relacionadas ao cotidiano e as práticas inerentes à produção cultural da região, dando margem a uma maior valorização e compreensão das características que definem a identidade grapiúna.

Compreende-se, assim, como a literatura, enquanto meio de representação da cultura de um povo, retrata as vivências coletivas e os perfis que constituem as identidades locais. A literatura de Jorge Amado passa a ser não apenas um veículo para uma importante contextualização de um período histórico, mas, sobretudo uma forma de se estabelecer reflexos da cultura que brotava desse contexto.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior**. São Paulo: Martins, 1970.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Aquarelas do Brasil: margens da identidade nacional a ficção de Jorge Amado”. In: CHIAPPINI, Lúcia e BRESCIANI, Maria Stella (orgs.). **Literatura e cultura no Brasil, Identidade e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

